

A ausência de categorias que incomoda - Uma vivência trans representada na novela *Explode coração*

Tess Chamusca¹

Resumo:

O presente trabalho apresenta uma versão inicial da análise da telenovela *Explode Coração*, que faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo grupo Cultura e Sexualidade (CUS/CULT/UFBA) sobre a representação de personagens homossexuais, lésbicas, bissexuais, transgêneros e intersexos nas telenovelas da Rede Globo. O principal referencial teórico é a Teoria *Queer*. A partir da personagem Sarita Vitti, discutimos as categorias sexuais, performatividade e as possibilidades de vivências trans.

Palavras-chave: novela, transgêneros, teoria queer

Introdução

O presente trabalho, a versão inicial da análise da representação de uma personagem transgênero na telenovela *Explode coração*, faz parte de uma pesquisa mais abrangente com cerca de 40 folhetins. O estudo está sendo realizado pelo grupo Cultura e Sexualidade (CUS), que integra as linhas de pesquisa do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

O objetivo central do projeto de pesquisa é identificar e analisar a representação de personagens homossexuais, lésbicas, bissexuais, transgêneros e intersexo nas telenovelas da Rede Globo e no teatro baiano, tomando como base as discussões sobre gênero e sexualidade empreendidas na Teoria *Queer*.

Antes de nos debruçarmos sobre o objeto de análise do presente trabalho, faremos aqui uma breve discussão sobre a teoria da performatividade proposta pela teórica Judith Butler e a condição trans, além de explicitarmos o conceito de representação que norteia esse estudo. Para analisarmos a personagem Sarita Vitti, representada na telenovela *Explode coração*, nos baseamos na noção defendida pela socióloga feminista brasileira Heleieth Saffioti. A autora argumenta que a representação

¹ Jornalista, Mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, faz parte do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS), que integra as linhas de pesquisa do CULT. E-mail: tesschamusca@gmail.com

é o reconhecimento do eu e do outro, sejam esses de diferentes classes sociais, grupos étnicos ou categorias de gênero. “Pode-se afirmar que as representações que os homens e as mulheres fazem da realidade social operam como forças propulsoras de novas ações” (SAFFIOTI: 1992, p.209).

Desde o início de sua atuação nas investigações de gênero, Butler defende a pesquisa sobre as chamadas minorias sexuais, além da mais freqüente análise sobre as representações do gênero feminino. Destaque no cenário acadêmico norte-americano e mundial, ela é uma das fundadoras da Teoria *Queer*, linha de estudo que surge no fim dos anos oitenta e questiona a heterossexualidade compulsória e sua legitimação na cultura ocidental.

Mesmo não havendo exatamente um alinhamento teórico entre seus pensadores, uma das principais defesas da teoria *Queer* é a concepção do social como um texto a ser interpretado e criticado com o intuito de contestar os conhecimentos e as hierarquias dominantes. *Queer* pode significar estranho, ridículo, excêntrico ou extraordinário, raro. A expressão foi escolhida para nomear a perspectiva teórica não só com o intuito de contestar a heteronormatividade, mas também para positivar um termo comumente utilizado como insulto contra os gays.

Para Butler, não é possível definir uma origem para o gênero, ou seja, em sua visão, os corpos são desde sempre demarcados pela cultura. Dessa forma, ela defende que os sujeitos são materializados a partir de normas performativas, construídas socialmente e necessariamente reiteradas (BUTLER: 2001). Por tratarmos aqui de indivíduos que, ao subverterem os binarismos essencialistas, dão visibilidade a esse caráter cultural dos sexos e põem em dúvida “algumas das categorias fundadoras do pensamento e estruturadoras de nossos olhares sobre o mundo generificado” (BENTO: 2006, p.108), que as idéias da teórica norte-americana são fundamentais para o presente trabalho.

O universo trans é um domínio social no que tange à questão das (auto)identificações. Muitas são as categorias nativas que definem e classificam pessoas, hábitos, práticas, valores e lógicas como pertencentes a esse domínio. (...) Nesse contexto, os principais fatores de diferenciação entre uma figura e outra se encontram no corpo, suas formas e seus usos, bem como nas práticas e relações sociais (BENEDETTI: 2005, p.17-18).

Assim, por estarem inseridas no terreno da subjetividade, as definições dos atributos e comportamentos que definem cada uma dessas categorias têm sido fontes de revisão e questionamento. Com intenções esclarecedoras e não conclusivas, iremos enumerar as que, dentre os estudos já produzidos sobre a temática, adquiriram maior visibilidade, assim como descreveremos muito brevemente algumas problematizações empreendidas pela teórica Berenice Bento a respeito do tema.

O pesquisador baiano Edvaldo Souza Couto explica que, enquanto a *drag queen* se veste de mulher com exagero apenas para sair à noite nos clubes, o transformista usa vestimentas do sexo oposto como uma prática teatral em ocasiões específicas (COUTO: 1999). Entretanto, estes não precisam e nem desejam alterar sua anatomia, seja com hormônios ou intervenção cirúrgica.

As travestis são aquelas que modificam as formas de seu corpo com o intuito de torná-lo parecido com o das mulheres; comportam-se no cotidiano como uma delas, mas não desejam explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização (BENEDETTI: 2005). A característica mais comumente associada à transexual é a da operação de adequação do sexo como condição fundamental de sua transformação². Contudo, essa definição é contestada por Berenice Bento, que a chama de “transexual de verdade”.

O “transexual de verdade” não apresenta nenhum “problema biológico”, mas tem certeza absoluta de que está em um corpo equivocado. Segundo essa concepção, a cirurgia para os/as transexuais seria a única possibilidade para encontrarem um lugar e um sentido identitário. (...) Problematizo essa construção a partir das narrativas dos sujeitos que se definem transexuais, mas que encontraram respostas para os conflitos entre corpo, subjetividade, gênero e sexualidade divergentes das universalizadas nos documentos oficiais formulados pelo saber médico. (...) A relação que esses sujeitos passam a estabelecer com as genitálias pode variar da abjeção até o reconhecimento de que fazem parte do seu corpo, não se constituindo em um problema (BENTO: 2006, p.23-24).

Outro fator de crítica diz respeito às relações de consequência estabelecidas entre identidades de gênero e sexualidade de transgêneros. “Quando (transexuais) dizem

² Ver BENEDETTI (2005), COUTO (1999) e OLIVEIRA (1994).

“sou um homem/mulher em um corpo equivocado”, não se deve interpretar tal posição como se estivessem afirmando que ser mulher/homem é igual a ser heterossexual” (BENTO: 2006, p.25).

Feita a discussão sobre conceitos, abordaremos, de modo sucinto, o contexto de criação e veiculação do nosso objeto de estudo. *Explode coração* foi a primeira telenovela gravada integralmente nos estúdios do Projac, no Rio de Janeiro, cuja inauguração ocorreu em 2 de outubro de 1995. Além de abordar o universo dos ciganos e da internet, o que por si só já causou muita polêmica³, a novela também tratou de outros temas delicados como a diferença de idade entre casais - Serginho (Rodrigo Santoro) namorava Beth (Renée de Vielmond), uma mulher vinte anos mais velha que ele.

Dentre as características que marcaram o folhetim, ressaltamos a campanha de utilidade pública desenvolvida a partir da personagem Odaísa, vivida por Isadora Ribeiro, que teve seu filho Gugu sequestrado. Em sua busca, Odaísa juntou-se às verdadeiras Mães da Cinelândia, no Rio de Janeiro. Outros elementos que chamaram a atenção do público foram a sofrível interpretação do ator Ricardo Macchi como o cigano Igor e o bordão utilizado por Lucineide (Regina Dourado): “Stop, Salgadinho! Stop!”. *Explode coração* obteve bons índices de audiência, com média geral de 48 pontos. O último capítulo foi considerado um sucesso, registrando 60 pontos com picos de 64.

A seguir, apresentamos a análise da novela. Os itens em negrito compõem a metodologia que está sendo aplicada pelo grupo de pesquisa nas telenovelas da Rede Globo que contêm personagens homossexuais, lésbicas, bissexuais, transgêneros e intersexo.

Dados gerais do produto

Título: *Explode Coração*

Diretor: Dennis Carvalho, Ary Coslov e Carlos Araújo

Autora: Glória Perez

³ A advogada cigana Myrian Stanescon chegou a obter uma liminar da justiça para impedir a exibição da cena de sexo entre Júlio e Dara, protagonistas da novela, sob alegação de que o capítulo fora inspirado em sua vida e depreciava a imagem do seu povo. Porém, a Globo impetrou um recurso e exibiu a cena sem cortes.

Elenco principal: Teresa Seiblitz (Dara), Edson Celulari (Júlio), Ricardo Macchi (Igor), Maria Luísa Mendonça (Vera), Françoise Forton (Eugênia).

Elenco mais diretamente ligado com a temática trans: Floriano Peixoto (Sarita Vitti), Paula Burlamaqui (Rose), Cássio Gabus Mendes (Edu), Isadora Ribeiro (Odaísa), Regina Dourado (Lucineide) e Rogério Cardoso (Salgadinho).

Tempo de exibição: 6 de novembro de 1995 a 4 de maio de 1996. Ao total, foram 155 capítulos, exibidos sempre às 20h40. Cada capítulo durava aproximadamente 60 minutos.

Resumo do enredo:

Dara é uma jovem cigana que se orgulha de suas origens, mas se recusa a ficar presa às tradições. Por conta disso, faz cursinho pré-vestibular às escondidas e se nega a casar com seu noivo prometido, Igor. A rebeldia descontenta seus pais, Jairo e Lola, mas agrada sua irmã mais nova, Ianca, que é apaixonada pelo cigano. Através de uma conversa na internet, Dara conhece Júlio Falcão, um empresário ambicioso e sedutor. Atraída por ele, nem imagina as mentiras em que está envolvido - vive um casamento de aparências com Vera e a trai com Eugênia, prima de sua esposa. Os costumes ciganos e o preconceito da família de Júlio são os principais desafios para a concretização desse amor.

Em paralelo à trama principal, protagonizada pelos personagens mais abastados, a novela apresenta outro núcleo, situado no bairro popular de Maria da Graça, no Rio de Janeiro, e liderado por Lucineide e Salgadinho. O casal tem um filho - Edu, um homem tímido e fascinado pela rede mundial de computadores - e possui uma lanchonete, espécie de ponto de encontro dos moradores do bairro, onde Rose trabalha como balconista. Odaísa é uma das frequentadoras do lugar. Ela trabalha na residência de Dara, sendo também acompanhante da cigana, e é a melhor amiga de Sarita Vitti, nosso objeto de análise.

Na primeira vez em que aparece, já no capítulo inaugural da novela, Sarita Vitti vai até a lanchonete de Lucineide comprar queijo e avisa a todos os presentes, completamente surpresos com a sua aparição, que alugou uma casa no bairro. A personagem apresenta shows em uma boate. Em um deles, é aplaudida por três

personalidades do mundo real das *drag queens* e transformistas do Rio de Janeiro: Isabelita dos Patins, o falecido Erik Barreto e Mamie dos Brilhos. Já em outro, é a travesti Rogéria que marca presença na boate em que Sarita trabalha.

Desde que se conheceram, na lanchonete de Lucineide, Rose se mostra curiosa em relação a Sarita. Mais tarde, a garçonete chega a dizer à personagem que gostaria de encontrar um homem como ela e tenta convencê-la a se vestir e se comportar como uma pessoa do sexo masculino. Ao confessar sua paixão e roubar um beijo de Sarita, Rose não é correspondida. A essa altura, Sarita já está apaixonada por Edu, com quem já mantinha uma relação de amizade, mas só revela tal sentimento para a sua melhor amiga, Odaísa.

Quando Edu é perseguido pela polícia por ter invadido o sistema de uma instituição bancária, Sarita esconde o rapaz em sua casa. Posteriormente, durante uma fuga, ele vai até a boate em que ela trabalha e se disfarça de *drag queen*. Os policiais invadem o local e descobrem Edu. Sarita o defende com tanto entusiasmo que chega a ser presa por desacato a autoridade. Entretanto, mais do que encontrar um amor, Sarita tinha um grande desejo de adotar uma criança portadora do vírus HIV. E, por conta disso, vai à Sociedade Viva Cazuzza e faz um show para os meninos atendidos pela instituição. Mas ela não consegue realizar esse sonho.

Durante um show de Léo Jaime, Sarita flerta com um homem e permanece com ele até o final da novela. No último capítulo, ela ensaia para fazer um show no centro do Rio de Janeiro e alimenta planos de conquistar a zona sul.

Aspectos fixos da personagem analisada:

“Posição da personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001, p.167).

Apesar de ser coadjuvante de um núcleo paralelo à trama principal da novela - a personagem vive em Maria da Graça, Sarita Vitti mantém relação com os protagonistas da história, chegando a visitar algumas vezes a casa de Dara.

“Contexto social da personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001, p.167)

Sarita vive em um bairro popular, mas não é necessariamente pobre. Ela mora sozinha em uma casa alugada, nem tão pequena e bem mobiliada, e arca sozinha com suas despesas.

Cor: Sarita é morena.

Profissão: A personagem trabalha fazendo shows em uma boate.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral da personagem:

Tipos de gestualidade:

1. **estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo ou bissexual;**
2. **gestualidade típica de alguns sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento/estética camp;**
3. **não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de que a personagem é homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo ou bissexual, e inscrito dentro de um comportamento heterossexual).**

Sarita se comporta como uma mulher comedida e recatada. Dialoga com os outros em um tom ameno e, ao falar, mantém os braços dobrados e as mãos unidas, como uma *lady*. Mas quando alguém a desrespeita, a engana ou ameaça seus amigos, ela se torna mais agressiva, partindo, inclusive, para a violência física. Nesses momentos, logo após bater em alguém, a personagem assopra os dedos, verifica as unhas, ajeita o cabelo e sai como se nada tivesse acontecido. Sarita vivencia uma condição trans que não é categorizada. Na maior parte do tempo, ela age como uma mulher reservada, mas também agrega características comportamentais convencionalmente atribuídas ao masculino. Entretanto, isso não é representado de uma forma caricatural. Assim, consideramos que o perfil 3 é o mais apropriado para o enquadramento da personagem, embora haja indicação de que Sarita é trans.

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):

Sarita tem longos cabelos lisos e castanhos escuros, no qual, volta e meia, utiliza passadeiras e lenços. Em seu cotidiano, ela veste calças tipo pijama e camisas básicas masculinas, de cores neutras, sob as quais não se percebe a existência de seios ou de enchimento. O toque colorido de suas vestes fica por conta das variadas blusas de

manga comprida (estampadas ou de tons vivos) que ela usa amarradas na cintura. A maquiagem utilizada pela personagem é sutil. Quando está ensaiando para os seus shows, ela usa calças coladas de ginástica, que deixam delineado o seu pênis. Além dos adereços e vestuário, Sarita não faz intervenções em seu corpo para torná-lo feminino.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela ou as peças) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001, p. 168):

A primeira cena em que Sarita aparece na novela é muito emblemática porque já expressa a atitude da personagem em relação ao mundo que a rodeia e ao preconceito. Boa parte do núcleo de Maria da Graça está reunida na lanchonete de Lucineide celebrando o fato de Salgadinho ter recebido uma significativa quantia de dinheiro no bingo quando Sarita entra no estabelecimento. Todos param de conversar e voltam os olhares para ela:

Sarita: Meu bem me vê trezentos gramas de queijo, por favor. *(Ela solicita gentilmente a Rose).*

Um dos presentes no local fala: Cada assombração que aparece hein. *(Nesse momento, Odaísa tenta conter uma risada, mas todos percebem, inclusive Sarita que se volta para ela. O homem faz outra provocação).* Vento fresco aqui hein. *(Sarita encara o rapaz e lhe dá um soco que o derruba).*

S: Tão fresco que derruba gente. *(Ajeita os cabelos e observa suas unhas).* Droga. Quebrou. Eu sou Sarita Vitti. Sarita de Sarita Montiel e Vitti de Monica Vitti. Eu aluguei a casa 38, ali na vila. Respeito todo mundo e gosto que me respeitem. *(Pega a sacola com o queijo na mão de Rose, agradece e se despede de todos sorridente)* Foi um prazer gente.

É interessante notar como a reação dessas pessoas, inicialmente de estranheza e deboche, muda no decorrer da novela. Sarita ganha seu espaço e acaba conquistando o carinho e respeito da maioria delas. Odaísa, por exemplo, se torna a sua melhor amiga. Entretanto, de forma mais sutil, o preconceito ainda pode ser percebido. É o que ilustra a próxima cena que iremos analisar.

Sarita está entrando em sua casa junto com Odaísa e encontra Lucineide muito chateada por ter descoberto que Edu estava escondido lá. Lucineide caminha de volta para a sua residência, onde Salgadinho se encontra, conversando com o mecânico Tom. Edu, Sarita e Odaísa a seguem.

Salgadinho: O Edu??? *(Bastante surpreso)*

Tom: Pois é. Acharam ele na casa da Sarita. *(Ele fala constrangido).*

Sal: Ah, isso é que não. O Edu?

(Os quatro chegam).

Lucineide: Aí ó. Tava lá na casa da Sarita. Tava dando guarita a ele. Sabendo da agonia da gente, da aflição da gente, e não fez nada.

Sarita: Dona Lucineide! Me desculpe, Dona Lucineide mas eu só queria ajudar. Não era melhor o Edu estar aqui perto da senhora do que no meio da rua se escondendo em casa de estranho?

L: O melhor era ele estar aqui dentro de casa. Quer se esconder? Eu que sou mãe dele vou esconder ele melhor do que ninguém.

Sal: É... ahhh... Hum. Ele tava dormindo aonde? *(A câmera se volta para Sarita e para Tom. Ela dá um sorrisinho e ele faz uma cara de espanto. Apesar de não demonstrar tão claramente, Lucineide também se comporta como se estivesse esperando a resposta).*

Edu: Na sala 'né' pai. *(E Salgadinho respira aliviado).*

Ao encontrar o filho que estava desaparecido, Salgadinho que, em outros momentos, demonstra não concordar com o estilo de vida de Sarita, chamando-a inclusive de Saritão, parece estar muito mais preocupado com a possibilidade de Edu ter dormido na mesma cama que a personagem. Em sua cabeça, é como se o fato de Edu estar sozinho com Sarita entre quatro paredes já abalasse as estruturas da heterossexualidade de seu filho. E até mesmo Lucineide, que tem afeto por Sarita e a respeita, se mostra intrigada com a eventual proximidade entre ela e Edu.

Essa cena representa comportamentos corriqueiros de várias pessoas em relação à homossexualidade, por exemplo. Parece existir certa tolerância com as relações homo, mas desde que elas não ocorram com as pessoas da família. Ou desde que homossexuais não façam sexo com ninguém.

Características gerais da personalidade da personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Sarita Vitti é “do bem”. Compreensiva, ela sempre faz de tudo para ajudar os outros. Junto com Odaísa, chegou a pensar em um plano para proteger Dara de seu marido Igor durante o parto dela, já que a criança era filha de Júlio. Além disso, ela tem uma percepção aguçada do que acontece ao seu redor, o que fica expresso na fala de Odaísa: “Quando a Sarita fala alguma coisa, você pode escrever embaixo que é certo

viu”. O desenrolar da trama confirma esse lado sensitivo da personagem. Antes de todos, ela percebe que Eugênia é apaixonada por Júlio e que Edu é o hacker procurado pelos policiais. Enquanto Odaísa morre de medo das reações de Igor, Sarita insiste em falar da bondade de seus olhos, que se expressa no fim da novela, pois o cigano não faz mal algum a Dara.

Aspectos sobre a sexualidade e o gênero da personagem

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Sarita não utiliza nenhuma categoria para falar de si mesma. Ela apenas diz que tem um corpo de homem com uma alma de mulher.

Em que ponto da narrativa fica claro que a personagem é homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo ou bissexual?

Em reportagem publicada na *Folha de São Paulo* no primeiro mês da novela *Explode coração* (novembro de 2005), Floriano Peixoto fez a seguinte afirmação: "o Brasil não é igual à zona sul do Rio de Janeiro, onde tudo é assimilado rapidamente. Até agora, não houve sequer menção à vida amorosa ou sexual de Sarita porque tudo tem que ser feito aos poucos" (ESCOSSIA: 1995). De fato, a sexualidade de Sarita não foi um tema muito abordado no decorrer da novela. Em entrevista à repórter Lilian Fernandes, em março de 1996, o ator fala que, propositadamente, ela foi deixada de lado para não atrapalhar a torcida pela adoção (FERNANDES: 1996).

Diante disso, não será possível tirar conclusões tão categóricas sobre o tema, o que não nos impede de tecer algumas considerações. Rose se apaixona pelo homem que enxerga em Sarita e faz de tudo para “convertê-la”, mas Sarita gosta de Edu e mesmo não ficando com ele, termina a novela na companhia de outro rapaz. Se levássemos em conta a relação de obrigatoriedade comumente concebida entre corpo e orientação sexual, já que vemos aqui um corpo de um homem desejando um semelhante, seríamos levados a concluir que Sarita é homossexual, o que, alias, parte da imprensa fez.

Entretanto, as relações entre corpo, gênero, desejo e prática sexual não são tão coerentes assim (BUTLER: 2003). E as diversas formas de vivências trans indicam a necessidade de “interpretar a identidade de gênero, a sexualidade, a subjetividade e o corpo como modalidades relativamente independentes no processo de construção das identidades” (BENTO: 2006, p.25). Dessa forma, embora Sarita não assuma claramente uma orientação sexual, por se sentir mulher e gostar de um homem, podemos dizer que a personagem não se vê como homossexual.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

Mistura de Sarita Montiel e Monica Vitti, Sarita Vitti tem um quê de “fechação” em seu nome. Ícone entre os gays ibero-americanos, segundo ela mesma, devido às unhas longas e cintilantes e a maquiagem carregada, a atriz espanhola Sarita Montiel fez fama de transgressora e chegou a ser chamada pelo cineasta Luis Buñuel de “inculta beleza física” (DAEHN: 2002). Já a diva italiana Monica Vitti, musa do cineasta da mesma nacionalidade Michelangelo Antonioni, atuou em vários de seus filmes nos anos sessenta e era um símbolo de beleza enigmática na época.

Mas, toda essa extravagância não ultrapassa seu nome. Sendo, em alguma medida, uma transgênero, Sarita não se enquadra em uma feminilidade exagerada como a de *drag queens* e transformistas. Ela não é uma paródia do feminino, pois se veste e se comporta como uma mulher comum em seu cotidiano. Por outro lado, também não se encaixa totalmente nos padrões convencionais de feminino de submissão e passividade, que autores como Neusa Maria de Oliveira (1994) associam com a vivência da transexualidade.

Embora deseje adotar uma criança, o que a mantém vinculada a um forte símbolo da mulher naturalizada - a maternidade, ela impõe respeito, é autônoma e não leva desaforo para casa, principalmente de homens. Paralelo a isso, Sarita não demonstra interesse em promover intervenções em seu corpo, assumindo sua anatomia masculina, o que faz com que, majoritariamente, ela não seja considerada nem transexual nem travesti.

Creemos que o fato de não se adequar a categorias não deslegitima a vivência trans de Sarita. No livro *Problemas de gênero*, Butler fala da falsa estabilização do gênero que, dentro da construção e regulação heterossexuais da sexualidade,

oculta as discontinuidades do gênero, que grassam nos contextos heterossexuais, bissexuais, gays e lésbicos, nos quais o gênero não decorre necessariamente do sexo, e o desejo, ou a sexualidade em geral, não parece decorrer do gênero - nos quais, a rigor, nenhuma dessas dimensões de corporeidade significativa expressa ou reflete outra (BUTLER: 2003, 194).

Nesse sentido, ao conjugar um corpo de homem e uma identidade de gênero feminina, a personagem traz à tona tais discontinuidades e denuncia a gênese discursiva e cultural do gênero, que é falsamente estável e natural.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação de não heterossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

Em *Explode Coração*, Sarita não enfrentou grandes problemas nem com o público - “Chegaram a me dizer que me perseguiriam na rua. Nunca aconteceu. Sequer me abordaram de maneira agressiva”, diz Floriano Peixoto em entrevista de Rodrigo Teixeira (2001) - nem com o seu desenvolvimento dentro da trama: ela fez parte da novela do início ao fim, tendo participado tanto do primeiro quanto do último capítulo. Não podemos dizer o mesmo em relação à imprensa e à militância LGBT, principalmente, devido a um motivo: a impossibilidade de encaixar a personagem em um rótulo.

Em reportagem para a *Folha de São Paulo*, depois de descrever tudo que Sarita não é, o jornalista Jackson Araújo diz: “Sarita Vitti é apenas um personagem híbrido. Não é homem, não é mulher, não é drag nem travesti. Depois do sucesso de Sandrinho, Sarita é a representação mais infeliz de um personagem gay que chega ao horário nobre” (ARAÚJO: 1995). Atribuindo uma carga pejorativa ao termo híbrido, o repórter, em uma postura claramente redutora, equivocadamente, também afirma que Sarita é homossexual.

Já na reportagem intitulada “Personagem cria polêmica entre gays - Drag queens, travestis e homossexuais militantes afirmam que Sarita Vitti tem identidade indefinida”, publicada na *Folha de São Paulo*, em novembro de 1995, nenhum dos entrevistados fala da condição indefinida de Sarita como algo positivo. Descrevemos aqui dois dos depoimentos:

"Sarita é uma sonsa [diz Jovana Baby, presidente da Astral - Associação de Travestis e Liberados] toda recatada, não tem sensualidade nenhuma. É um gay no armário”. Segundo Jovana Baby, o personagem parece ter medo de sua condição homossexual e ainda não mostrou a realidade de preconceito e perseguição do travesti brasileiro. (...) Márcio Leal, secretário do grupo gay Atobá, critica o lado artístico do personagem, porque considera que os shows ajudam a reforçar a visão caricatural sobre os homossexuais. "Ele tinha que se vestir de homem. Gay não é só show, não é só caricatura", afirma (ESCÓSSIA: 1995)

Ao falar das teorias da identidade feminista, que ao elaborarem atributos de cor, sexualidade e etnia concluem sua lista com o que a autora chama de “envergonhado ‘etc’”, Butler chama a atenção para o processo ilimitável de significação - um excesso que necessariamente acompanha qualquer esforço de postular as identidades de uma vez por todas (Butler: 2003). Nos depoimentos citados acima, percebemos uma ausência de reflexão sobre a existência de inúmeras vivências que não se encaixam em categorias, o que resulta em concepções tão fixas como são as categorias hegemônicas.

Reconhecemos que a preocupação em representar os personagens homossexuais, bissexuais e trans como pessoas boas (o que ocorre com Sarita), por vezes, pode ser tão superficial e preocupante como as representações caricaturais. Porém, nesse caso, o contexto talvez justifique o posicionamento da autora Glória Perez, pois naquele período nenhuma novela tinha ainda se aprofundado na temática trans - a primeira personagem assumidamente transexual surge em *As Filhas da Mãe* em 2001⁴.

Mas não podemos perder de vista que Sarita, ainda que não tenha sido bem recebida pela mídia, provocou discussões sobre a temática trans e, possivelmente, gerou desdobramentos como o personagem transformista Nicete da telenovela *O Campeão*, que estreou na emissora Band em maio de 1995, quando *Explode Coração* terminou. E por mais que sua sexualidade não tenha sido problematizada, a personagem tinha vida

⁴ Ver COLLING e SANCHES (2008).

própria e relevância na novela. Diante de tudo isso, consideramos que o resultado 4 é o mais apropriado para classificar a representação da personagem.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Jackson. Sarita Vitti não é drag. *Folha de São Paulo*, em 07/12/1995.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita. O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUTO, Edvaldo Souza. *Transexualidade: o corpo em mutação*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

DAEHN, Ricardo. Para sempre violetera. *CorreioWeb*, em 03/07/2002, disponível em http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020703/vid_mat_030702_80.htm - capturado em 14 de janeiro de 2009.

ESCOSSIA, Fernanda. Idéia era viver limite entre homem e mulher. *Folha de São Paulo*, em 26/11/1995.

ESCOSSIA, Fernanda. Personagem cria polêmica entre gays. *Folha de São Paulo*, em 26/11/1995.

FERNANDES, Lilian. Do ‘teatro-cabeça’ à cadeia nacional. *A Tarde*, em 03/03/1996.

TEIXEIRA, Rodrigo. Rústico sedutor. *O Mossoroense*, em 6 de maio de 2001, disponível em <http://www2.uol.com.br/omossoroense/0905/maistv.htm> - capturado em 8 de janeiro de 2009.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus: jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Trabalho apresentado no Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia – Desafios e Perspectivas. Rio de Janeiro, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: Bruschini, Cristina; Costa, Albertina de Oliveira (org). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.